2. Jacob Burckhardt e a História

Jacob Christoph Burckhardt nasceu na Basileia, Suíça, em 1818 e morreu em 1897. Filho de protestantes, herdou do pai - um colecionador com habilidades para o desenho e escritor de um livro sobre a história da sua cidade - o interesse pela pesquisa.¹ Oriundo de uma tradicional família de Basel, desejava-se que o filho seguisse os passos paternos e se tornasse pastor, no entanto isso não aconteceu. Sobre a família de Burckhardt escreve Alexander Dru:

Os Burckhardt e os Schorndorff – a família de sua mãe – tinham se estabelecido na Basileia no fim do século quinze. Os Burckhardt, em particular, mostraram-se capazes e merecedores das posições de liderança que tão constantemente ocuparam, dando a impressão de que a Basileia era uma cidade aristocrática, como Berna ou Veneza. Eles eram talentosos, diligentes, prolíficos e bem-sucedidos e sua proeminência é adequadamente expressa pelo fato de que, por mais de um século e meio, um em cada dois burgomestres era um Burckhardt. Como mercadores, doutores e sacerdotes, ou em cargos públicos, eles contribuíram enormemente para a prosperidade da Basileia e para a continuidade que marca o seu crescimento.²

No ano de 1838, Burckhardt inicia os seus estudos teológicos na Universidade da Basileia, mas logo passa a perder o interesse pelo curso e começa a questionar a sua crença. Em 1839, o suíço parte para estudar história na Universidade de Berlim, local onde passa a ter como professores intelectuais como: Leopold von Ranke, Gustav Droysen, Franz Kugler, August Böckh, entre outros. Sobre as suas primeiras aulas no curso de história, escreve o historiador em carta para um amigo:

Meus olhos arregalaram-se de espanto com as primeiras palestras que ouvi de Ranke, Droysen e Böckh. Percebi que se me havia passado a mesma coisa que sucedeu ao Cavaleiro em Dom Quixote: eu armara rumores de minha ciência e, de repente, lá estava ela, aparecendo diante de mim em proporções gigantescas – e tive de baixar meus olhos. Agora estou real e firmemente determinado a dedicar minha vida a ela, talvez ao custo de uma feliz vida doméstica; de agora em diante, mais nenhuma hesitação perturbará minha resolução.³

¹BURKE, Peter. Introdução: Jacob Burckhardt e o Renascimento Italiano. In: BURCKHARDT, Jacob. *A Cultura do Renascimento na Itália*. Um ensaio. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 15.

²DRU, Alexander. “Introdução”. In: BURCKHARDT, Jacob. *Cartas*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003, p. 54.

³ Carta de 15 de Janeiro de 1840 a Heinrich Schreiber, *ibid.*, p. 125.

Na Universidade de Berlim, Burckhardt se torna aluno de Leopold Von Ranke fato que irá marcá-lo durante toda a sua vida. Em suas cartas, o suíço afirma apreciar a forma como Ranke estabelece e organiza os conteúdos das suas aulas e diz ter aprendido muito com ele sobre o método histórico.⁴ No entanto, apesar da importância desse período de contato, Burckhardt não gostava de Ranke como pessoa, ainda que o admirasse como historiador.⁵

É Franz Kugler, um jovem professor de história da arte, que irá se tornar o principal mentor e amigo do suíço nessa época. A convivência com Kugler foi de grande valor para Burckhardt. O procedimento adotado posteriormente pelo suíço nas suas investigações sobre o passado, a *Anschaunng*, algo entre contemplação e a intuição utilizada para a apreciação das fontes históricas, teria advindo de seu contato com Kugler. Cássio Fernandes afirma que “de Franz Kugler provém, certamente o traço de maior importância na formação de Burckhardt como historiador da arte.”⁶

Em 1845, Burckhardt torna-se editor do jornal conservador *Basler Zeitung*, ofício o qual aceitou sem entusiasmo, uma vez que o historiador desaprovava os rumos da política contemporânea e reprovava a leitura de jornais e romances, de tudo aquilo que não nos levasse ao aprofundamento e só servisse para nos distrair.

Após menos de dois anos editando o jornal, Kugler convida Burckhardt para auxiliá-lo na reedição dos seus manuais de História da Pintura e História da Arte, o historiador aceita. Esse trabalho teve uma grande importância na trajetória intelectual de Burckhardt, uma vez que este pode dedicar-se a analisar as obras de arte e incluir, quando oportuno, algumas considerações suas nos manuais.

O primeiro curso ministrado por Burckhardt na Universidade da Basileia ocorre em 1851, com o título de *Introdução ao Estudo da História*. No entanto, o historiador só irá assumir o cargo de professor-titular da universidade em 1858, após ter lecionado por um período na Escola Politécnica de Zurique.

⁴Carta de 15 de Janeiro de 1840 a Heinrich Schreiber, *ibid.*, p. 126 e Carta de 11 de Agosto de 1840 a Heinrich Schreiber, *ibid.*, p. 136.

⁵BURKE, Peter. Introdução. In: BURCKHARDT, J. *A Cultura do Renascimento na Itália*, op. cit., p. 15.

⁶FERNANDES, Cássio da Silva. *As contribuições de Jacob Burckhardt ao Manual de História da Arte de Franz Kugler (1848)*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 25, n. 49, p. 99-124, jan./jun. 2005.

Em 1853, Burckhardt publica *A Era de Constantino, o Grande*⁷, obra de grande importância na formulação de seu caminho como historiador da cultura. Dois anos depois, 1855, Burckhardt lança, *Der Cicerone: Eineanleitung zum Genuss der Kunstwerke Italiens (O Cicerone: Introdução para a Fruição das Obras de Arte da Itália)*⁸, o livro é resultado de uma viagem do autor para a Itália, considerado, por muitos, como um guia de história da arte italiana.

Sua obra mais conhecida, *A Cultura do Renascimento na Itália: Um ensaio*(1860)⁹, foi publicada em 1860 e proporciona uma viagem pela Itália do Renascimento, suas tradições, lendas, sua conturbada vida política, seus modos de sociabilidade, suas manifestações artísticas, formas de religiosidade e os mais diversos aspectos da vida nas cidades italianas desse período.

Após a publicação da sua obra-prima, *A Cultura do Renascimento na Itália*, Jacob Burckhardt resolve abandonar o meio editorial. Como hipóteses que teriam levado o historiador a tomar essa decisão, podemos destacar o tempo que a escrita de um livro lhe demandava, a sua falta de prazer em publicar, o seu desagrado com a as disputas de ego entre os intelectuais e, por fim, o seu desencanto com a sociedade.¹⁰

Em 1872, Burckhardt recebe um convite para trabalhar na Universidade de Berlim. O historiador fora convidado para ocupar a cátedra de Leopold Von Ranke, que iria se aposentar. Entretanto, Burckhardt contando então 54 anos, recusa a proposta. A cadeira de Ranke na universidade era uma das posições mais prestigiadas do mundo acadêmico da história, sendo assim por que o suíço recusara o convite?

Algumas especulações podem ser feitas sobre o assunto. A primeira diz respeito à importância da Basileia na vida do historiador. Burckhardt acreditava ser possível pensar mais livremente em uma cidade pequena, como a Basileia, do que na Berlim afetada pela chegada do progresso. A segunda resposta relaciona-se

⁷BURCKHARDT, Jacob. *The age of Constantine the Great*. Berkeley: University of California Press, 1983.

⁸BURCKHARDT, Jacob. *Der Cicerone: Eineanleitung zum Genuss der Kunstwerke Italiens*. Leipzig: Verlag. Disponível em: <https://archive.org/details/dercicerone01burcgoog>. Acesso em: 07/01/2015.

⁹BURCKHARDT, Jacob. *A Cultura do Renascimento na Itália*. Um ensaio. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹⁰ LIMA, Luiz Costa. Alguém para ser conhecido: Jacob Burckhardt. In: BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 17.

ao clima de competição presente nas universidades, Burckhardt não compactuava com as disputas acadêmicas e preferia manter-se longe delas.

2.1 As reflexões sobre a História Universal

No semestre de inverno de 1870-71, Jacob Burckhardt ministrou um curso na Universidade da Basileia. As anotações para essas aulas, intituladas *Über das Studium der Geschichte (Sobre o Estudo da História)* começaram a ser redigidas em 1868. Esses manuscritos acrescidos de um texto “A sorte e o infortúnio na História”, oriundo de uma palestra pública feita por Burckhardt em 1871, foram publicados postumamente por seu sobrinho Jacob Oeri, em 1906, com o título de *Weltgeschichtliche Betrachtungen (Reflexões sobre a História Universal)*.¹¹

O historiador nunca desejou que os seus manuscritos fossem publicados, embora as suas aulas tenham sido consideradas excelentes. Conforme escreve Alexander Dru:

Embora as aulas de Burckhardt na universidade – onde ele era atormentado pela presença de acadêmicos visitantes –, bem como suas conferências para o público em geral, fossem vistas como notáveis realizações, ele nunca permitiu que as publicassem, sob a alegação que iriam parecer “tapetes com o lado errado voltado para cima.” No fim, porém, acabou consentindo que seu sobrinho Jakob Oeri, as editasse após sua morte. Oeri publicou o mais extenso trabalho de Burckhardt, *Griechische Kulturgeschichte*, três volumes (1902), e *Reflexões sobre a História Universal* em 1906.¹²

Foi nesse período que Nietzsche começou a lecionar filologia clássica na Universidade da Basileia e a assistir como ouvinte as aulas de Burckhardt. Nietzsche admirava o experiente professor e em uma carta a Von Geersdorff escreveu sobre as aulas de Burckhardt: “pela primeira vez em minha vida gostei de uma palestra: e mais, é o tipo de palestra que devo ser capaz de dar quando for mais velho.”¹³

¹¹ Optamos por traduzir *Weltgeschichtliche Betrachtungen* como *Reflexões sobre a História Universal*, tradução que difere da adotada pela edição brasileira. Em português, o livro foi publicado em 1961, pela editora Zahar, com o título de *Reflexões sobre a História*. Tradução direta do alemão e notas de Leo Gilson Ribeiro.

¹² DRU, A. “Introdução”. In: BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 82.

¹³ Trecho da carta de Nietzsche a Von Geersdorff de 1870. DRU, Alexander. “Introdução”. In: BURCKHARDT, Jacob. *Cartas*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003, p. 83.

No *Reflexões sobre a História Universal*, Burckhardt afirma que irá buscar pensar sobre a história, sem a intenção de produzir um conhecimento sistemático da mesma. Nas suas palavras:

Não é nosso propósito elaborar um guia para os estudos históricos, no sentido erudito que empresta a esse termo, mas sim fornecer indicações para o estudo do elemento histórico nas diversas esferas do mundo intelectual.¹⁴

Nas anotações para o curso, o historiador aborda assuntos de extrema importância para este trabalho, como: a inconsistência da ideia de uma filosofia da história aos moldes hegelianos, as vantagens e desvantagens do século XIX para o estudo da história, as fontes históricas e seus procedimentos de investigação, a abordagem histórico-cultural no estudo da história e o relacionamento entre as três potências – o estado, a religião e a cultura – que formam uma sociedade.

2.2

A circulação das obras de Jacob Burckhardt

A recepção dos livros de Burckhardt pelos intelectuais da época foi gradativa, conforme afirma Luiz Costa Lima:

Embora *A cultura* não tenha tido um êxito imediato – “a segunda edição apareceu somente em 1869, a terceira, oito anos depois, em 1877, e a quarta, em 1885. Só depois da quinta edição, de 1896, a corrente começou a jorrar: 1897, 1899, 1901, 1904, 1908, 1913, 1919.” (Huizinga, J.: 1920, 256) – seu autor ainda teria muita vida para saber de sua consagração.¹⁵

Os acontecimentos do século XX levaram a uma reavaliação historiográfica da obra de Burckhardt. A Primeira e a Segunda Guerra Mundial, a emergência dos Regimes Totalitários e a Guerra Fria levaram o povo alemão a uma descrença com as explicações progressistas e utópicas da história e, na tentativa de buscar compreender os acontecimentos desse século, os intelectuais passaram a buscar novos modelos em homens como Burckhardt, Kierkegaard, Nietzsche e Freud. O lançamento de uma edição do “*Reflexões sobre a História*

¹⁴BURCKHARDT, Jacob. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 10.

¹⁵LIMA, L. Alguém para ser conhecido In: BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p.16.

*Universal*¹⁶ em inglês, no ano de 1943, contribuiu para que essa revisão se concretizasse. Nas décadas seguintes, de 1950 e 1960, várias obras do historiador foram publicadas.

Além disso, a ampla divulgação das obras de Friedrich Nietzsche, também no período do pós-guerra, sobretudo dos seus escritos sobre a história, contribuiu para essa retomada dos textos de Burckhardt. Afinal, Nietzsche havia se inspirado nas aulas de Burckhardt, ministradas na Universidade da Basileia, para escrever a sua *II Consideração Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida*.

A crença em um futuro melhor é cindida e é nesse momento que os olhos se voltam para aqueles, como Burckhardt e Nietzsche, que em meio às concepções otimistas da história do século XIX, reprovaram o avanço das massas, o militarismo, a recente industrialização, o aumento das ferrovias, o sufrágio universal, o crescimento das democracias e acreditaram que a Europa seguia por um perigoso caminho que levaria ao aparecimento de guerras e tiranos que a ameaçariam. Sobre isso, escreve Burckhardt, em 1845, a Gottfried Kinkel:

Conheço muito da história para esperar outra coisa do despotismo das massas além de uma futura tirania, que significará o fim da história. (...) Creia-me, o “povo político”, ao qual certas pessoas apelam com jactância, não existe ainda, pelo menos não na Alemanha ou na Suíça; em vez disso, existem as massas, e em meio a elas inúmeras pessoas esplêndidas, ainda não-desenvolvidas, imaturas o suficiente para cair nas mãos do primeiro suíno que aparecer, e se comportarem como animais.¹⁷

Imerso nas transformações do século XIX e apreensivo com o que estava por vir, Burckhardt almejava proteger aquilo que para ele existia de mais valioso, a tradição cultural da velha Europa de todos os tipos de radicais, comunistas, industrialistas, intelectuais pretensiosos, idealistas e “dos “istas” e “ismos” de todo tipo.”¹⁸

Para isso, o historiador acreditava que seria sua tarefa trabalhar como historiador e professor, buscando levar aos mais diferentes públicos o conhecimento e a reflexão sobre a necessidade de preservação das manifestações artísticas e culturais que formaram a cultura europeia.

¹⁶BURCKHARDT, Jacob. *Reflexões sobre a História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

¹⁷ Carta de 18 de Abril de 1945 a Gottfried Kinkel, in BURCKHARDT, J. *Cartas*, op. cit., p. 194.

¹⁸ Carta de 28 de Fevereiro de 1846 a H. Schauenburg, in BURCKHARDT, Jacob. *Cartas*, op. cit., p. 198.

2.3 Os procedimentos para o estudo da história

Advém dessa conjuntura política e pessoal, o interesse do historiador em dar aulas para os diferentes públicos. Burckhardt acreditava que qualquer pessoa que tivesse uma sólida formação erudita poderia realizar investigações históricas. Sendo assim, para além das suas aulas na universidade, ele se dedicava a dar palestras e cursos livres sobre os mais diversos temas como, por exemplo, “A arte de cozinhas dos gregos tardios” a “As cartas de madame Sevigné,”¹⁹, estes ministrados para o público em geral.

Seu objetivo, ao lecionar para um público não especializado, era o mesmo das suas aulas, levar os homens a compreender a história por meio da *Anschauung* (contemplação intuitiva). Para Burckhardt, ao contrário do que pensavam boa parte dos historiadores da sua época, a história não deveria ser pautada nas noções de progresso ou em métodos científicos, mas sim compreendida por meio da contemplação.

A *Anschauung* seria um procedimento para o estudo da história que possibilitaria um maior contato do pesquisador com o seu objeto de estudo. Para o historiador isso ocorreria de uma forma natural. No entanto, isso não quer dizer que a investigação histórica fosse algo totalmente intuitivo e não necessitasse de nenhum esforço. Pelo contrário, na lida com as fontes do passado, Burckhardt recomendava que estvéssemos sempre alerta, pois a qualquer momento e em qualquer parte poderíamos nos deparar com aquilo que a fonte poderia nos revelar de mais importante.

O grande interesse de Burckhardt era, através de uma abordagem histórico-cultural, investigar um determinado período histórico, preocupando-se em não relatar somente os fatos, mas em compreender aquele período ou aquele povo em sua totalidade.

Para o historiador as manifestações artísticas seriam as fontes históricas por excelência. Na sua visão, as lendas, os relatos, as anedotas, a arquitetura, a

¹⁹ SCHORSKE, Carl E. *Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 84-85.

poesia e a música seriam fontes tão ou mais importantes que os documentos oficiais e, até mesmo, uma fonte considerada falsa ou fruto da imaginação de um povo - fonte esta que não seria aceita pelos historiadores positivistas -, poderia dizer muito sobre como estes homens sentiam e pensavam.

2.4

O relacionamento entre as três potências e a importância da Cultura

Jacob Burckhardt identifica a existência de três poderes ou três potências – o estado, a religião e a cultura – como definidores das características de uma sociedade. Essas três potências coexistiriam sempre juntas, sendo as duas primeiras potências estáveis e a última uma potência móvel, que teria como função cuidar do equilíbrio entre as demais potências.

O estado, para o historiador, seria fruto da desigualdade entre os homens e teria na violência um meio de garantir o seu poder. Segundo Burckhardt os estados dividiram-se em grandes e pequenos. O estado grande teria como função realizar os grandes feitos históricos, visando assegurar o seu poder e manter organizada a coletividade. Já o estado pequeno, simbolizado na vida de Burckhardt pela Basileia, teria como função a efetivação da plena cidadania e da liberdade, funções que compensariam as vantagens de um estado grande.

Para Burckhardt, a religião seria oriunda da necessidade humana de encontrar explicações metafísicas e, como o estado, agiria de forma coercitiva para validar a sua universalidade. A religião seria a “expressão das eternas e indestrutíveis necessidade metafísicas da natureza humana”²⁰, e representaria um complemento de tudo aquilo que o homem não consegue por si só. Para Burckhardt, ela seria o reflexo da imagem de um povo e nos permitiria observar o poder que a coletividade exerce sobre o homem.

A cultura, ao contrário, seria formada por elementos espontâneos e livres e agiria naturalmente, não coercitivamente, como modificadora das demais potências. A cultura caracterizaria também o processo através do qual as ações naturais de um povo transformar-se-iam em conhecimentos inteligíveis e teria como função, sempre que possível, coibir os excessos das demais potências.

²⁰ BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*, op. cit., p. 45.